

CAPÍTULO 1

27 de junho de 1992

O vento gelado de junho doeu em seu rosto.

Diminuiu os passos e parou ali na calçada. Sentiu que precisava gravar aquele momento exato. Sentiu ou só imaginou. Era uma intuição ou impressão intensa e sem motivo de que aquele segundo não podia ser esquecido.

No alto de um prédio o relógio marcava exatamente 19h46. Por via das dúvidas, memorizou: 19h46.

O relógio sem mostrador de segundos dava a impressão de que o tempo tinha congelado. E se o tempo pudesse congelar mesmo? E se os minutos nunca mais passassem? Aquela seria a hora perfeita para as horas pararem.

Empenho, destino, um pouco de sorte e muita paciência, tinham levado a esse momento exato: às 19h46 dessa noite de sábado com vento gelado de junho onde tudo estava perfeito. Ou quase perfeito. Podia viver pra sempre na quase perfeição das 19h46.

Mas o minuto virou 47 e Mariana largou esses delírios bobos ali na calçada. Voltou a caminhar, sorrindo discretamente das besteiras que a gente pensa.

Ele caminhava atrás dela. Acelerou o passo e alcançou seu braço, que segurou e puxou com força até ficaram frente a frente, muito próximos.

- A gente já se conhece, não é?

Eduardo e aquele tom acusador, como se descobrisse um segredo ou um crime, com olhar fixo, penetrante, difícil de sustentar. Dava até medo. Mariana ficou sem resposta. Doía o braço pressionado, doía o coração acelerando, doía não poder contar.

É claro que se conheciam. Mas era importante que ele descobrisse sozinho. Ela baixou os olhos antes que falasse o que não devia. Conseguiu devolver a pergunta em tom meio irônico e o momento passou.

- Por quê? Você acha que me conhece?

Eduardo soltou seu braço, simplesmente largando, sem qualquer delicadeza e com uma risada alta. Ele era isso. Sem sutilezas, passando de uma emoção a outra em segundos. Intenso, dramático. Contagiante, quando animado. Cruel em momentos de raiva. Não tinha meio termo. Não tinha mais ou menos. Falava alto, ria alto, brigava alto. Naquele trecho mais vazio da Rua da Consolação, Eduardo fazia eco.

- Sei lá. Pode ser de tanto ouvir você dizer “A gente já se conhece, Edu! A gente já se conhece”. Lembra?

Ela riu da imitação, impressionada por ele ainda se lembrar. Aquilo já fazia tantos anos...

Eduardo consultou o relógio e propôs, alto:

- Ainda tenho meia hora. Café Mona Lisa pra fechar a noite?

Ela concordou depressa. Café Mona Lisa. Perfeito. Às 19h46 teria recusado, teria preferido ficar ali mesmo e abrir o jogo de uma vez. Mas, alguns minutos mais velha, teve a maturidade de aceitar um café pra fechar a noite.

Caminharam mais três quadras e só Mariana congelava. Eduardo, incandescente, falava das maravilhas do filme que tinham visto horas antes.

Entraram no Café Mona Lisa e todo mundo parou, observando. Ou Mariana achou que todo mundo parou, observando. Ela sempre achava que todos paravam, observando, quando Eduardo chegava. Ele não era lindo, nem alto, nem célebre, nem tinha qualquer detalhe que o destacasse.

Mentira. Tinha um detalhe sim: o nariz. Grande, desarmônico, escandaloso como Eduardo, dava um sotaque francês ao seu visual. Um tipo de carisma que te obriga a olhar a pessoa e nunca mais esquecer seu rosto. Cabelos muito pretos em corte clássico, mas cheios, lisos, eternamente bagunçados, a palidez dos que vivem mais à noite e quase sempre um cigarro à mão. Eduardo era um galã de cinema francês antigo e cheio de nariz. Com alguns fios precoces de cabelo branco, muitas marcas de expressão, o olhar intenso, expressivo, Eduardo aparentava bem mais do que seus 34 anos.

O problema é que Mariana era o oposto: parecia mais nova do que era e odiava isso. Por mais que tentasse mudar, continuava com aquele ar infantil, quase bobo. De rosto arredondado, cabelos castanhos cheios e ondulados, olhos grandes de expressão meio ingênua, Mariana aparentava menos do que seus 19 anos.

Devia ser por isso que olhavam. Ou ela achava que olhavam. Porque lá vinha a estranha dupla: o galã francês meio gasto, barulhento e carismático, e a virgem de cinema mudo que o olhava com adoração. O que eram aqueles dois? Ficavam à parte, alheios ao mundo, concentrados um no outro, sentados frente a frente, com o interesse de um primeiro encontro e a intimidade de toda uma vida.

Ivone, dona da cafeteria, trouxe dois cafés, um puro e um com leite, sem que eles pedissem. Conhecia Eduardo há anos e Mariana há menos tempo, mas já sabia as preferências de cada um. Bonita, com seus trinta e poucos anos e um sorriso marcante, Ivone era a “Mona Lisa” que dava nome ao lugar. Ideia do seu marido que a chamava assim.

- Trabalhando no sábado, Ivone?

- Pra você ver, Eduardo...

- Ah, mas assim não pode... Cadê o marido?

- O Leonardo está no caixa hoje.

Ivone sorriu para Mariana, depois para Eduardo, até que a chamaram em outra mesa. Eduardo voltou a ficar agitado, inquieto. Mas era uma agitação feliz.

- Você devia ter pedido um chá pra se acalmar.

- Odeio chá!

- É, eu sei.

- Ah, me dá um desconto, Mari. Estou ansioso!

- Imagino... O cientista vai virar cobaia.

- Pois é! E olha que eu já conheço bem o processo. Você só está nessa há um ano, mas eu estou pesquisando há quase três! Três anos! Foram tantas regressões, tantos voluntários, tantos relatos... Acho que já ouvi de tudo. Mesmo assim, dá um...

- Medo?

Ele não quis admitir que sim, dava medo. Porque Eduardo não sente medo. Sua resposta foi uma risada. Alta. Mas ninguém notou. Em uma das mesas começou um coro de “parabéns a você” e não se ouvia mais nada. Eduardo se contagiou e até acompanhou as palmas. Mas não tinha esquecido a conversa.

- Medo? Eu não tenho “medo” de regressão. Se eu tivesse medo, não teria nem começado essa pesquisa. O que eu tenho é mais uma... apreensão.

Medo. Mariana entendia, pois tinha sentido medo também.

- Você vai ver quando for sua vez, Mari.

Tarde demais, ela pensou. E veio o sentimento de culpa. Era horrível esconder isso dele, quebrar sua confiança assim. Todos os envolvidos na pesquisa tinham concordado em não se submeterem a uma regressão a vidas passadas até que a primeira fase do trabalho terminasse. Era uma forma de manter o distanciamento, a objetividade, de evitar o risco de sugestionar algum voluntário. Mas Mariana tinha violado o compromisso com a ajuda de Tomás, que conduziu sua hipnose meses antes. De repente teve o medo ilógico de que ele pudesse ouvir o que ela estava pensando. Tentou se concentrar na música que tocava no rádio. *“Eu hoje joguei coisa tanta coisa fora...”*

- *“Eu vi o meu passado passar por mim...”*. Adoro isso.

Irônica coincidência! Mas Eduardo não ouvia. Nem a música no rádio, nem Mariana desafinando por cima. Ele estava longe. Onde?

- Mari, desculpe, mas a gente vai ter que ir. São quase nove horas.

Ele fez um sinal para Ivone trazer a conta e ela devolveu com o clássico “depois você acerta”. Deixaram a mesa, saíram do café juntos e todos observaram. Ou Mariana esperava que sim.

Na saída, Eduardo teve o impulso de oferecer o braço, imitando esquecidas galanterias e caminharam as quatro quadras seguintes de braços dados e sem pressa, como um casal antigo.

- Vou te contar uma coisa. Eu gosto de você com esse sobretudo preto, meio clássico. Sabe o que você parece? Um galã de filme *noir*.

Ele gostou da imagem.

- Sério? Eu gosto desse sobretudo também. Comprei num brechó.

- Tá lindo. Vai arrasar na... nesse... nesse negócio que você vai, esqueci o que é.

- Reencontro de ex-alunos da Faculdade de Filosofia. Pessoal que se formou comigo em 81.

Em 1981? Mariana ficou sem resposta, desconfortável. Não gostava de falar sobre datas, passado. Fosse o passado dele ou dela. Não queria Eduardo fazendo contas, se lembrando dos 15 anos de diferença entre eles. Tentou mudar de assunto.

- Onde você deixou seu carro?

- Na próxima quadra, já está perto. Dá pra ver daqui.

Chegaram ao carro e Eduardo voltou a oferecer uma carona.

- É sério, não precisa mesmo. O metrô é aqui do lado. Chego em casa em vinte minutos. Trinta no máximo.

Ele não insistiu. E ali, ao lado do carro, ficaram. Ninguém se despedia. Ele podia falar alguma coisa, mas não falava. Podia ir embora, mas não ia. Nem ela. Frio de junho. Sobretudo antigo. Eduardo tão perto... Podia sentir o cheiro de café, cigarro e brechó quando ele perguntou:

- Segunda-feira a gente conversa?

- Claro. Na segunda-feira.

- Eu tenho reunião o dia inteiro, devo acabar no final da tarde, umas seis e pouco. Mas eu te ligo pra contar como foi e... a gente vê o que faz.

Ele entrou no carro, mas logo abaixou o vidro e a chamou de volta.

- Mas é o seguinte, dona Mariana. Amanhã à noite o Plácido vai conduzir minha regressão. Dependendo do que você aprontou comigo em outras vidas...

- Mas quem disse que encontrei você em vidas passadas? Pode ser que não.

Ele riu com fingida irritação.

- É meio óbvio! Você é um encosto, um carma na minha vida! Em todas as vidas, provavelmente!

Anos ouvindo essas ironias e ela ainda achava graça. “Em todas as vidas...”. Talvez. Esperou até que o carro partisse e seguiu em direção ao metrô.

O frio tinha ficado mais intenso. Possivelmente uns 10 ou 11 graus. Mas a verdade é que nem sentia tanto e quando chegou à estação não quis entrar. Estava acelerada demais pra ficar parada dentro do vagão. Queria contar pra todo mundo, parar as pessoas na rua e contar, drenar um pouco daquela emoção que nela não cabia mais.

Continuou andando pela Paulista até a estação seguinte e já conseguia ver o MASP do outro lado da avenida. “Em todas as vidas, provavelmente!”. Impossível imaginar anos antes, o racional e incrédulo Eduardo dizendo algo assim. Mas tantas outras coisas também tinham parecido impossíveis...

Se pudesse contar à Mariana de nove anos antes. Se pudesse dizer qualquer coisa a ela, o que diria?

– Vai ser exatamente como você imaginou.
